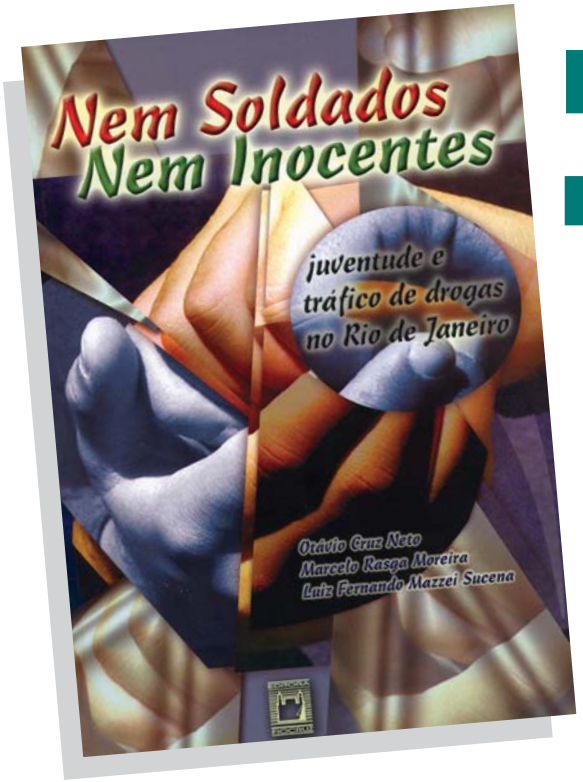

Nem soldados nem inocentes

Juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro

Otávio Cruz Neto, Marcelo Rasga Moreira e Luiz Fernando Mazzei Sucena
Editora Fiocruz, 200p.

É cada vez maior o número de pessoas amedrontadas com o aumento da violência. No Rio de Janeiro, esse fato tomou proporções ainda mais graves com os freqüentes casos de assalto, morte e banalização da violência. Há ainda o tráfico de drogas, que alicia jovens e levou a imprensa a acusar a existência de um "poder paralelo" no município.

O livro *Nem soldados nem inocentes* traça o perfil dessa relação a partir de entrevistas feitas com 88 jovens atendidos pelo Sistema Aplicado de Proteção do Rio de Janeiro entre 1998 e 2000. Revela um fato assustador: a maioria entra no tráfico para conseguir dinheiro com o objetivo de consumir – eles sonham comprar tudo aquilo que desejam.

No primeiro capítulo, os autores explicam as raízes históricas do tráfico de drogas. Segundo eles, nas primeiras décadas do século 20 havia no Rio uma massa de ex-escravos excluídos do mercado, sem acesso às condições adequadas de vida. Eram indivíduos que se acumulavam nos cortiços até o surgimento das primeiras favelas. Em 1940 já havia as condições necessárias para o envolvimento de jovens com o tráfico: ociosidade, baixa formação escolar, proximidade com criminosos e falta de comprometimento da sociedade.

O perfil dos jovens envolvidos com o tráfico é assunto do segundo capítulo. Dos 88 entrevistados, a maioria tem idade entre 16 e 18 anos, é negra, mora em bairros periféricos, está atrasada na escola e se diverte em atividades como freqüentar pagodes, bailes funk, soltar pipa e ir à praia.

O terceiro capítulo é o mais contundente e mostra, a partir da fala dos garotos, como é o dia-a-dia no tráfico, desde o primeiro contato, até a divisão hierárquica e os ganhos relativos a cada "cargo". Impressiona o poder de sedução que essa vida exerce sobre os jovens: fama e respeito na comunidade, muito dinheiro e sucesso com as mulheres. A facilidade com que entram também chama atenção: "É só dizer que está na finalidade. Aí eles te leva pessoalmente ou te dá o telefone se o cara tiver preso" [grafia original]. A organização do tráfico apresenta a estrutura típica de um plano de carreira de uma empresa moderna, com possibilidades de ascensão e remuneração que pode atingir os R$ 3 mil por semana, num cargo de gerência.

Nos dois últimos capítulos, os autores falam sobre as condições psicológicas e de saúde dos jovens. Para os autores, esses meninos não podem ser tratados nem como inocentes e nem como soldados e merecem um olhar mais atento, livre de preconceitos, capaz de reintegrá-los à sociedade.